

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DÉBORA REGINA DE OLIVEIRA CARDOSO

**A AFETIVIDADE NO CUIDAR NA EDUCAÇÃO
INFANTIL ESCOLAR**

CAMPINAS
2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DÉBORA REGINA DE OLIVEIRA CARDOSO

A AFETIVIDADE NO CUIDAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL ESCOLAR

Memorial elaborado e apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para a obtenção do título de Pedagogo.

CAMPINAS
2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

C178a Cardoso, Débora Regina de Oliveira.
A afetividade no cuidar na educação infantil escolar : memorial de
formação / Débora Regina de Oliveira Cardoso. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-442-BFE

Dedico este trabalho ao meu tio Cláudio Lima, também professor, com o qual muito aprendi e proporcionou-me a busca incansável do saber.

Dedico ainda a minha filha Ketely Cardoso, da qual ausentei-me durante as noites de estudo, esta conquista lhe apresento, para no futuro ter orgulho de sua mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sua presença em minha vida e por ter me dado forças para chegar até aqui.

A meus pais que me concederam estruturas para escolher meu próprio caminho.

A meu esposo que sofreu todos os tateios educacionais e o estigma de ter de conviver com meus aprendizados em ser professora.

As minhas amigas Ana Cláudia, Luciene, Flávia e Glaucie, companheiras de vida e trabalhos.

Aos professores do curso, sempre pacientes e perseverantes, dando-nos oportunidades de transformações em nossa prática docente.

Para você me educar, você precisa me conhecer;
Precisa saber da minha vida;
Meu modo de viver e sobreviver;
Conhecer a fundo as coisas nas quais eu creio
E às quais me agarro nos momentos de solidão,
desespero, sofrimento.
Preciso saber e entender
As verdades, pessoas e fatos
Aos quais eu atribuo forças superiores às minhas
E aos quais me entrego
Quando preciso ir além de mim mesmo.
Para você me educar,
Precisa me encontrar lá onde eu existo,
Quer dizer, no coração das coisas,

Autor desconhecido
(Dado em apresentação de trabalho
na disciplina de Multiculturalismo e
Diversidade Cultural em 19/09/2003)

SUMÁRIO

<u>APRESENTAÇÃO</u>	1
1- <u>MEMÓRIAS</u>	2
2- <u>TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: A REALIDADE NA SALA DE AULA</u>	8
3 - <u>A MUDANÇA COM O PROESF</u>	16
4 - <u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	24
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	26

APRESENTAÇÃO

Ainda no ventre materno, iniciamos nossa história, que se enriquece à medida que crescemos e participamos do mundo em que vivemos. E como é bom podermos partilhar nossos deslumbramentos e descobertas, nossas falhas e sucessos, nossas idéias e desejos, nossas dúvidas e sentimentos e tantas outras coisas grandes e pequenas com outras pessoas que também se deslumbram, descobrem, falham, têm idéias e desejos...(Autor Desconhecido, Texto apresentado por grupo de trabalho na disciplina Temas Transversais, quinto encontro, 06/09/2005).

Apresento, neste memorial, três capítulos: Memórias, Trajetória profissional: a realidade na sala de aula e A mudança com o PROESF.

O primeiro trata das experiências e das interações que interiorizei durante minha trajetória escolar. Julguei importante contextualizar algumas situações relacionadas à presença (ou não) da afetividade, focando a importância das relações afetivas entre o professor e o aluno, tanto na construção do conhecimento como na estruturação de sua personalidade.

No segundo capítulo, descrevo minhas experiências como profissional na área de educação, priorizo minhas vivências, destacando alguns desvelamentos ocorridos, os quais cito como necessários para transparecer minha indignação quanto a: falta de afetividade e cuidados da família para com a criança, a perda da identidade profissional do professor em relação as influências econômicas, políticas e culturais, a dicotomia entre o educar ou o cuidar, que desestruturou meu papel de professora em sala de aula.

Em ambos os capítulos, me refiro as situações do passado e estabeleço pontes entre as práticas citadas e as teorias estudadas na Universidade.

Já no terceiro capítulo, apresento os conteúdos desenvolvidos em sala de aula em determinadas disciplinas, buscando através deles superar o senso comum e transparecer as mudanças e as transformações intelectuais que conquistei com as elucidações de minhas dúvidas. Destaco um novo posicionamento em sala de aula como professora, depois de meu envolvimento com a Universidade.

1- MEMÓRIAS

Procuro-me no passado e outrem me vejo: não encontro a que fui, encontro alguém que a que sou vai reconstruindo, com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e agora. (SOARES, 1991, p.37)

Ao selecionar minhas memórias para o eixo temático no qual desenvolvia meu memorial, veio-me a mente, o que tornava estas memórias mais relevantes diante de tantas outras situações já vividas e que, no entanto não me acrescentava nenhum resgate importante ou significativo para registrar e selecionar com a construção de minha identidade pessoal e profissional.

Analisando minhas indagações, percebi que a relevância na seleção dos fatos e situações já vividos e agora memorizados estavam intimamente ligados às relações afetivas e emocionais que já vivera como: sentimentos de alegria, aceitação, auto-estima elevada, carinho, amor, calma, acalento, emoções afetivas positivas. Constatei que existia também, as emoções afetivas negativas como os sentimentos de medo, vergonha, cólera, dor, sofrimento, infelicidade, raiva, nojo, solidão e a falta de afinidades para com os outros indivíduos.

Refleti então, sobre como explicar marcas tão vivas e presentes em minha memória, algumas de professoras com as quais me relacionei há doze anos. Observei que por mais que tentasse e forçasse minha memória, de algumas professoras, não me lembrava o nome, a matéria que lecionou, suas características ou os momentos compartilhados em sala de aula.

PINO (2000, p. 128) destaca que tais fenômenos referem-se às experiências subjetivas, que revelam a forma como cada sujeito “é afetado pelos acontecimentos da vida, ou melhor, pelo sentido que tais acontecimentos têm para ele”. Portanto,

Os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser-no-mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes a seu respeito são,

sem sombra de dúvida, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade. Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...). São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo. (PINO, p. 130-131).

Referindo-me as minhas vivências e a importância da afetividade nas relações de interação entre professor e aluno, buscarei identificar alguns aspectos positivos e negativos que influenciaram meu desenvolvimento quando criança e durante a adolescência, considerando que a interação entre professor e aluno é determinante na construção de todo e qualquer conhecimento, principalmente a qualidade da interação pedagógica no sentido de afeto e respeito às experiências vivenciadas em sala de aula.

Minha primeira experiência escolar foi em uma escola rural: sentávamos em duplas e a sala era mista (várias séries agrupadas – primeira a quarta séries) e tínhamos uma só professora, que na verdade representava várias funções: limpava a escola, fazia a merenda durante o horário de aula e tinha uma relação intimamente ligada a cada aluno. Lembro-me de que ela dava banho nos alunos, cortava-lhes a unha, procurava neles piolhos e tratava dos seus ferimentos.

Um dia, a observei separando sopa em latinhas para alguns alunos levarem para suas casas. Aos finais de semana, visitava nossas famílias com sacolas de roupas que arrecadava na cidade e ficava horas conversando conosco.

A professora Rosa cativou minha vida, foi mais que uma professora que me ensinou a ler e escrever, cuidou de mim como uma segunda mãe, abraçou-me quando chorei, deu-me segurança quando tive medo de pular corda, foi minha amiga, um exemplo de afeto, de amor ao aluno e às suas particularidades, sua presença foi além dos conhecimentos específicos e de seu profissionalismo, pois, marcou minha alma. Depois de tantos anos, ainda me pego sentindo seu perfume, observando na memória seus gestos meigos, o carinho de seu abraço e o tom de sua voz ao explicar os conteúdos.

Segundo WALLON (1971), a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois, são constitutivos da atividade emocional.

Os primeiros sistemas de razão que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage. (WALLON, 1971, p. 262)

Hoje, quando me lembro da professora Rosa e reflito sobre sua prática em sala de aula, relaciono-a com a citação de FREIRE (1996, p. 94) “me movo como educador porque primeiro me movo como gente”.

Sua maneira de atuar dentro e fora da sala de aula, sempre compreensiva, mostrando-se mais próxima da realidade de seus alunos, marcou minha personalidade e a formação do meu caráter. Neste sentido, a qualidade de suas intervenções e sua influência como professora em minha vida, foi de fundamental importância, pois apropriei-me de uma visão humanista e afetiva para com o meu próximo.

SILVA (2001) enfatiza a importância do professor para que os alunos sintam-se mais seguros e superem as dificuldades, criando, assim, um ambiente de aprendizado tranquilo, pois a afetividade se faz presente no cotidiano da sala de aula, seja pela postura do professor, pela dinâmica de seu trabalho ou nas interações entre sujeitos.

Desejo de coração que, ainda hoje, muitas professoras Rosa se encontrem dentro da sala de aula, atuando na construção das relações concretamente afetivas, ampliando e diversificando as experiências de seus alunos para com o mundo.

Já na quarta série, em uma escola na zona urbana, na cidade de Campinas, conheci a professora Marlene. Ela era jovem se comparada com a professora Rosa, usava batom bem vermelho, suas unhas eram sempre pintadas e compridas, seus sapatos tinham saltos bem altos e ela mexia muito nos cabelos. Na sala de aula, ela não gostava de conversa, nem de criança em pé ou andando pela sala, falava em tom alto e com bastante autoridade.

A experiência de que nunca me esqueci e que vivi com essa professora foi num dia em que todos estavam sentados e em silêncio, ela escrevia na lousa, quando percebi que a ponta de meu lápis havia quebrado; eu não tinha apontador, mas notei uma colega indo apontar seu lápis no canto da sala, levantei-me e fui em sua direção, pedi que me emprestasse o apontador e comecei a conversar com ela. De repente, fui atingida por um apagador na minha cabeça; a professora me agredira, repreendendo-me em tom alto e mandando-me sentar. Comecei a chorar e as outras crianças a rir de mim; a professora

gritou, ordenando silêncio. Depois deste dia, eu tinha medo até de respirar dentro da sala de aula e chorava muito para não ir à escola.

Segundo FREIRE (1996, p. 73):

O autoritarismo do educador não se manifesta apenas no uso repressivo da autoridade, que restringe arbitrariamente os movimentos dos educandos. Manifesta-se igualmente num sem-número de oportunidades. Na vigilância doentia sobre os educandos, na falta de respeito à sua criatividade, à sua identidade cultural. Na falta de acatamento à maneira de estar sendo dos alunos das classes populares, na maneira como os adverte ou os censura.

Lembro-me de um dia que fui chamada até a lousa para resolver continhas de multiplicação, sentia muito medo e vergonha, em uma determinada conta, não conseguia resolver o resultado. A professora batia na lousa com uma régua de madeira grossa e comprida, ordenando que eu contasse as batidas, isso ajudaria a resolver a multiplicação, meu medo de ser agredida pela professora não permitia que eu olhasse para ela ou prestasse atenção nas batidas da régua, fiquei nervosa e comecei a chorar. A professora Marlene passou-me um sermão, dizendo que eu não havia estudado a tabuada e que ficaria durante o recreio na sala de aula, fazendo dez vezes a tabuada do número nove. Fiquei ali sozinha, sentia tanta raiva, ódio, da professora, de mim mesma, de meus pais por me obrigarem a estar ali.

A criança em idade escolar está em intenso progresso no campo intelectual e segundo WALLON (1968), é a afetividade que possibilita tal avanço, pois são os motivos, necessidades e desejos que dirigem o interesse da criança para o conhecimento e conquista do mundo exterior. É importante observar e descrever como o professor se utiliza dos aspectos afetivos para promover o avanço cognitivo. CUNHA (1998) defende que “conforme o tom com que fala, o olhar que lança, o gesto que esboça, a fala [do professor] adquire um valor determinado para o conjunto de alunos e, certamente, uma ressonância particular para alguns deles” (p. 18).

Durante o ano letivo que cursei a quarta série, foi evidente a presença dos aspectos negativos da falta de interação e afetividade da professora com os alunos. As influências das situações de subordinação dos alunos à professora, a presença constante de fatos que humilhava as crianças perante seus colegas, acarretou em mim problemas de

aprendizagem em meu processo de desenvolvimento cognitivo. Mesmo depois de adulta, apresentava dificuldades em atividades de multiplicação e divisão.

Ao terminar a quarta série, fui cursar o ginásio (quinta à oitava séries). O dia escolar era dividido em cinco à seis horas/aula. A maioria dos professores expressavam-se como sendo donos da verdade e do saber, ditavam a subordinação dos alunos ao professor, as notas e a avaliação. Os alunos não questionavam, apenas decoravam os conteúdos, não existia uma “aproximação” entre o professor e os alunos e tão pouco entre o conteúdo e a realidade vivenciada por eles. Para Vygotsky,

o desenvolvimento humano depende da interação que ocorre entre as pessoas e de sua relação com os objetivos culturais, uma vez que com a presença do outro, neste caso o professor mediador, dar-se-á a evolução das formas de pensar da criança, ao mesmo tempo em que estará se constituindo como sujeito. (COLOMBO, 2002, p. 7).

E ao fazer essa relação dos conteúdos escolares com a realidade do aluno, o professor propicia aquisições significativas de conhecimentos “que elevem o patamar de compreensão dos alunos na sua relação com a realidade” (LUCKESI, 2001, p. 65).

Analisando minha trajetória escolar da quinta à oitava série, observei que mesmo os conteúdos sendo tão fragmentados, o comportamento de alguns professores e as diferentes maneiras de interagir com seus alunos, leva-os a ampliar seu contato com o mundo, e a diversificar suas experiências, ajudando-os na construção do conhecimento.

Ao cursar o magistério, também encontrei dificuldades na falta de interação e aproximação dos professores com os alunos. Tudo era muito tecnicista e esquematizado, o curso baseou-se na apropriação, pelos alunos, de inúmeras teorias e o que faltou foi a prática real de como aplicá-las e isto me deixava insegura quanto ao meu papel de educadora.

Cito a fala da professora Angélica para esclarecer minha insegurança:

Os aspectos afetivos que permeiam a relação professor-aluno não se restringem somente às virtudes, valores, sentimentos e cuidados do professor para com seu aluno. Eles manifestam-se na maneira como o professor lida com o seu conteúdo em sala de aula, como escolhe as habilidades de ensino para desenvolvê-los. (Professora Angélica, Pensamento Psicológico e Educação, terceiro semestre, oitavo encontro).

Refletindo sobre minhas memórias, entendo que é necessário que os professores estejam envolvidos em seu trabalho como educadores, agindo de forma responsável dentro da sala de aula, pois suas ações e palavras afetam diretamente o desenvolvimento do aluno e é de suma importância uma relação de aproximação entre ambos, que propicie oportunidades para falarem, ouvirem e expressarem seus sentimentos, garantindo, assim, que a aprendizagem aconteça através da significância pessoal dos conteúdos e das relações dos conhecimentos novos com a prática cotidiana.

O ato de ensinar e o de aprender envolvem certa cumplicidade do professor a partir do planejamento de suas decisões de ensino assumidas, mas tal cumplicidade se constrói nas interações, através do que é falado, do que é entendido, do que é transmitido e captado pelo olhar, pelo movimento do corpo que acolhe, escuta, observa e busca a compreensão do ponto de vista do aluno. Aprendemos mais quando somos levados a refletir e a estabelecer relações. (Professor Sérgio Leite, em Aula Magna).

É necessário a compreensão do professor diante de seu aluno como indivíduo em sua totalidade, pois os aspectos afetivos, cognitivos e motor estão em constante estreitamento. E sendo o professor o mediador nas interações sujeito-conhecimento, este deve estar atento ao espaço interativo onde acontecem as ações, tanto dele como do aluno, pois não são ações isoladas, mas convergentes entre si, dar-se aí importância de uma aproximação afetiva de ambos no ambiente escolar.

2- TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: A REALIDADE NA SALA DE AULA

(...) É minha obra livre de mim.
Se não vejo na criança, uma criança
É porque alguém a violentou antes
E o que vejo é o que sobrou
De tudo que lhe foi tirado
(...) o mundo deveria parar
Para começar um novo encontro,
Porque a criança
É o princípio sem fim
E seu fim é o fim de todos nós.

Betinho Souza (1992)

Enfim professora. Ano de 1994, concluíra meu curso, com o diploma em mãos, pensava: Como entrar no mercado de trabalho? Como conseguir uma sala de aula?

Prestei um concurso Municipal e procurei a Delegacia de Ensino de minha cidade para trabalhar como estagiária nas escolas estaduais, não consegui garantia alguma, só me inscreveram em uma lista de espera.

Eu precisava trabalhar, ajudar meus pais, ter meu próprio dinheiro. Foi quando surgiu uma oportunidade de trabalhar em uma escola particular. Não pensei duas vezes, me apresentei com o diploma nas mãos. Que pena, o cargo oferecido não era de professora e sim de auxiliar em sala de aula, uma ajudante para “cuidar” das crianças.

A escola localizava-se em um bairro nobre, de classe alta. Só conseguira o emprego devido a indicações anteriores. Deparei-me com uma infra-estrutura de primeira qualidade, ao conhecer o imóvel que se tornara uma escola. A organização em relação aos funcionários e ao andamento diário das funções específicas que cada um representava dentro da escola era extremamente profissional. Os objetivos, os conteúdos, as práticas pedagógicas trabalhadas em sala de aula eram constantemente atualizadas e embasadas em concepções teóricas durante as reuniões de agrupamento.

A classe a qual fui introduzida, era composta por uma professora responsável pela sala de aula e duas ajudantes, das quais eu fazia parte e quatorze crianças, de quatro e cinco anos, crianças essas de famílias de classe alta (ricas).

Eu, como aluna, quando criança e como estagiária, quando visitei algumas escolas durante o curso do magistério, nunca conhecera uma escola daquele nível, tanto na

organização espacial, nos equipamentos oferecidos, na organização funcional, e quanto no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas. Sentia-me frustrada, tendo um diploma em mãos e me prestando a função de dar banho, dar comida, levar para brincar, trocar roupas, auxiliar em algumas atividades junto a professora. Algumas vezes, me constrangia diante de situações vivenciadas ali, como os lugares escolhidos para passeios com as crianças, presentes enviados para os pais em datas comemorativas ou os que os pais e as crianças presenteavam como, por exemplo: uma professora ganhou dos pais de seu aluno, que eram donos de uma agência de turismo, passagens para Porto Seguro.

Destaco aqui a situação sócio-econômica que aquelas crianças vivenciavam, tanto em relação à qualidade da escola, quanto à qualidade de vida, marcada pelo consumismo em relação a alimentação, cultura, vestuário e outros atributos. No primeiro momento em que entrei em contato com as crianças, achava-as privilegiadas diante da realidade da nossa sociedade.

Durante o tempo que permaneci trabalhando ali, nunca presenciei por parte dos adultos que se relacionavam com as crianças, gritos, apelidos, beliscões, empurrões, apertões, palavras pejorativas, humilhações ou castigos. As instruções eram bastante claras em relação ao trabalho pedagógico, como em relação aos cuidados para com as crianças.

Atentei-me ao comportamento das crianças, pois nunca presenciara tantas situações que apresentassem falta de limites e até mesmo de uma “boa” educação trazida de casa. Lembro-me de crianças que chutavam, mordiam suas professoras, davam murros, cuspiam nas ajudantes, xingavam-nos de vaca, jogavam-se pelo chão, atiravam objetos contra os profissionais que não faziam suas vontades, agrediam seus colegas de sala. Eu sentia muita raiva quando tinha que agüentar agressões verbais e físicas daquelas crianças mimadas e sem “educação”, mas ao mesmo tempo sentia pena por presenciar tanta falta de afeto em suas vidas (momentos de carência que as crianças apresentavam), sentiam a falta da presença dos pais em seu cotidiano, sentiam necessidade de toque, colo, carinho, abraço, demonstração de amor para com elas.

Em um segundo momento, já não mais considerava-as privilegiadas, muitas daquelas crianças conviviam mais com estranhos (não familiares) que com os próprios pais, desenvolviam-se em um mundo estruturado por “trocas” (consumismo, chantagem emocional) que gerava nelas sentimentos como de solidão, abandono, sempre entregues a convivência de terceiros (empregada, babá, professora), alguns defendiam-se através da carência requerendo atenção em todos os momentos.

WALLON (1968) defende que,

No decorrer de todo o desenvolvimento do indivíduo, a afetividade tem um papel fundamental. (...) permeando a relação entre a criança e o outro, constituindo elemento essencial na construção da identidade.

Diante de tantas situações vivenciadas, da falta de afeto emocional apresentadas pelas crianças, a que mais me marcou foi o caso clínico de um menino de quatro anos que se encontrava em depressão profunda, negava-se a comer, pois alegava que a comida fedía, quase não falava, não brincava com as outras crianças, se escondia em uma sala toda fechada em plena escuridão, ele gostava do escuro, sentia-se bem lá, sozinho no silêncio, tomava medicamentos fortes e tinha acompanhamento médico constante.

MATURANA (1995) afirma que

As emoções são disposições corporais que vão definir as ações. A partir de determinado estado emocional, age-se de um certo modo e não de outro. Ao ocorrer uma mudança na emoção, conseqüentemente, transforma-se a ação.

No caso do menino, os pais se separaram, a mãe se encontrava internada em uma clínica com problemas psicológicos e o pai fora do Brasil a trabalho. Nestes contextos citados acima, percebo hoje que aquelas crianças não conseguiam apreciar nada do que as rodeavam em suas vidas cotidianas, pois elas perderam suas identidades afetiva e emocional (a criança precisa desvencilhar-se de toda sua bagagem afetiva, de todo o seu conhecimento de vida, e moldar-se a situações novas antes não vivenciadas, pois, a família passa a ser algo distante). O desenvolvimento afetivo e emocional estrutura-se através do contato, das experiências, das interações e das relações concretas com os terceiros (babá, professora, empregada, tia, avó, etc.).

As crianças revelavam conflitos internos, tanto na relação consigo mesmas, quanto nas relações com seu ambiente escolar. Esses conflitos provocaram irritabilidade, instabilidade, agressividade, sentimentos depressivos, inconformismo, etc.

No dia treze de fevereiro de 1996, por telefone fui, convocada a assumir uma sala de aula pela rede municipal de minha cidade, na qual havia prestado o concurso e chegara minha classificação. Quanta ansiedade! Finalmente teria minha sala, meus alunos e exerceria minha profissão: ser professora.

Escolhi uma sala de Jardim I, com crianças de quatro e cinco anos, pois já tinha acumulado algumas experiências em meu trabalho anterior na escola particular. Tinha em mente tantas idéias, tantos projetos, me sentia orgulhosa por ser professora.

Ao me apresentar a diretora da escola, levei um susto, a escola pertencia a um bairro composto por favelas, muito carente e encontrava-se instalada em um imóvel comercial, uma sala quadrada dividida por placas de madeira, sendo quatro espaços: duas salas de aula, uma cozinha e uma sala para a diretora, o banheiro ficava do lado de fora no fundo do quintal, o uso era tanto para as crianças como para os funcionários. O parque se constituía em três brinquedos enferrujados: um escorregador, um balanço e um gira-gira. A equipe era composta por uma diretora, uma cozinheira, uma faxineira e quatro professoras, duas em cada período, que deveriam dividir as salas que eram compostas de cinco mesas e uma prateleira de madeira e um pedaço de lousa pendurado na parede.

A diretora apresentou-me a lista de alunos, eram vinte e oito alunos matriculados na minha sala, senti um frio na barriga, o espaço em sala, na qual haveria de me agrupar com meus alunos, não cabiam, sequer, quinze. A diretora instruiu-me para encostar as mesas e colocar as cadeiras bem pertinho uma das outras, alertou-me para não permitir que as crianças saíssem da sala, pois a única proteção que separava a sala da rua era uma cerca de arame.

Cheguei em casa psicologicamente em pedaços, não acreditava que aquele espaço poderia ser pensado como escola, um lugar para desenvolvimento da criança, estava anestesiada, com medo, angustiada, insegura, nervosa, era humanamente impossível desenvolver alguma atividade em um espaço como aquele, tendo vinte e oito crianças sob minha responsabilidade.

O primeiro dia de aula foi agitadoíssimo, foram duas horas que pareceram uma eternidade, pois a hora não passava. Quando o portão abriu, as crianças foram se misturando devido ao pequeno espaço. Tinha crianças chorando, gritando, se jogando no chão, criança escalando a cerca para pular para fora da escola. Um menino com um galho de árvore na mão batia em todos que se aproximavam dele, inclusive na mãe, pois não queria ficar na escola. A professora do lado ficou toda marcada com vergões ao tentar colocá-lo para dentro da sala. Quando consegui separar minhas crianças e colocá-las sentadas nas cadeiras, uma mãe de aluna invade a sala, segurando a menina pelos braços aos empurrões e aos berros: - Eu vou perder o ônibus, professora, segure esta peste, eu estou atrasada. A menina, chorando, segurava nas pernas da mãe, por mais que eu tentasse

ela não largava, de repente a mãe começou a estapear a menina na minha frente, com murros e gritos. Entrei em desespero, pedindo ajuda. A mãe perdera o controle e espancava a filha na frente das outras crianças. “A criança precisa aprender com palavras e atitudes de compreensão, não com tapas e humilhações” (AZEVEDO, 2003, p. 16). Quando a situação foi controlada, eu estava trêmula e chorando, querendo abandonar tudo e ir embora.

Ao término da aula, a diretora procurou-me requerendo de mim outra atitude como professora, esperava que eu soubesse lidar com tal situação. Como já me encontrara em um estado fora de mim, desabafei tudo o que pensava sobre a infra-estrutura do local e espaço oferecido, a quantidade de alunos por sala, a clientela do bairro, a atitude da mãe com a menina e qual era o meu papel como professora. Surpreendi-me com as seguintes colocações: “Não se preocupe com conteúdos e atividades e sim, em cuidar das crianças, pois o importante para as mães é a garantia da vaga para seu filho para poder trabalhar e que, ao buscá-lo na escola, esteja tudo bem com ele. Que a agressão parta da mãe e não da escola.”

Depois deste episódio e de várias outras atitudes e situações, percebi que não me posicionava como professora e sim como babá, comecei a considerar meu trabalho como uma “atividade benemerita, de pessoas para cuidar e não educar os filhos alheios” (Professor Sanfelice, em Aula Magna, durante o PROESF). Com o passar do tempo comecei a ficar revoltada com as atitudes que os pais apresentavam para com seus filhos, como o não comprometimento com a vida escolar da criança, a falta de cuidados básicos, com higiene, alimentação e convívio afetivo com a criança.

Os pais atribuíam e delegavam a escola infantil o papel de dar às crianças a educação mais elementar (por exemplo: boas maneiras, limites, respeito pelos outros, normas de bom comportamento em grupo) e se esqueciam que esta atribuição pertence primeiramente à família.

Muitas famílias não se sentiam em condições de impor limites aos seus filhos ou por não saberem muito bem como fazê-lo ou por não quererem repetir a educação repressora que tiveram. Alguns argumentavam que as crianças eram muito pequenas para entender certas regras, permitindo então, que elas fizessem tudo o que tinham vontade. Em relação à falta de higiene, as crianças apresentavam roupas sujas, mau cheiro (urina), uma aluna apresentava feridas na cabeça e o descaso dos familiares e a falta de higiene permitiram que as moscas sentassem ali e depositassem seus ovos desenvolvendo o

chamado berne. Encontrava-me diante de crianças carentes tanto de cuidado, quanto de afeto.

Na roda da conversa constatava através dos diálogos com as crianças, a violência psicológica que enfrentavam: ameaças de que a mãe iria embora e a criança perderia o amor, a proteção e a segurança (que compete aos pais oferecer). Vivenciei, muitas vezes, o olhar da mãe com extremo desprezo por seu filho, palavras de desdém, lançadas em relação à criança, humilhações públicas com gritos, apelidos depreciativos, a violência física, como sacudir a criança, beliscar, dar “cascudos”.

KRAMER (1982, p. 17) ao analisar o surgimento da infância diz que “sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças,...”. E de fato, com o passar dos anos, constatei a indiferença que a criança sofre: primeiro, pelos próprios familiares, a seguir, pelas instituições que deveriam acolhê-las e, por último, pela sociedade.

Na primeira escola que trabalhei, uma instituição particular, as crianças eram “respeitadas” pelo fato de possuírem dinheiro e a minha função lá era voltada aos cuidados pessoais da criança. Agora com a função de ser professora, minha situação tinha piorado, era impedida de cumprir meu papel educacional e convivia constantemente com desrespeito àquelas crianças que já não possuíam nada economicamente, afetivamente e o seu direito à proteção era-lhes negado.

Para WALLON (apud ALMEIDA E MAHONEY, 2000), a escola tem responsabilidade na formação do sujeito por ser um meio funcional de desenvolvimento, assim como a família (grupo primário), embora ocupem posições diferenciadas na constituição do indivíduo, cada um no seu papel e lugar determinado no conjunto:

A criança deve freqüentar a escola para se instruir e para ficar familiarizada com um novo tipo de disciplina e de relações interpessoais, cabendo à escola maternal o papel de preparar a criança para a sua emancipação futura (p. 79).

Penso em qual será o futuro dessas crianças, será que terão futuro?

Ao desenvolver meu trabalho junto às mães durante as reuniões, apresentava-lhes princípios de afetividade para com a criança, ensinava-lhes cuidados pessoais, demonstrava através de dinâmicas a responsabilidade para com seus filhos. Em sala de aula, tentava ser mais atenciosa, carinhosa, amorosa, o máximo possível, para com as crianças. Em determinada atividade, percebi que uma aluna apresentava indícios de sofrer abuso sexual.

Quando conhecemos outras realidades e cultura, ainda que essas sejam muito diferentes da nossa, aprendemos a respeitá-las. (...) É impossível ver nossos semelhantes serem agredidos (AMBRÓSIO, 2003, p. 25).

Procurei ajuda e auxílio para aquela situação, mas infelizmente, tudo tem que ser verdadeiramente comprovado, ou seja, o pai tomou ciência das atitudes da professora. O pai ameaçou a escola. Eu, como professora, fui alertada pelas próprias mães do bairro que corria risco de vida se permanecesse ali. Fui trabalhar em outra escola. Sentia-me muito mal, pois tinha me envolvido emocionalmente, por inteira, com aquelas crianças tão carentes, com histórias de vidas tão diferentes das que eu conhecia. Eu sabia qual era a minha função, a de educar, mas meus valores, meu olhar, priorizava o cuidar, queria fazer por eles o que ninguém fazia, me coloquei como alguém que eles podiam confiar, contar suas angústias, tristezas e agora me sentia como uma inútil, inerte aos acontecimentos.

Para expressar a minha indignação apresento as palavras de Galeano que KRAMER (2000, p. 85) cita em seu ensaio:

Dia-a-dia nega-se às crianças o direito de ser criança. Os fatos, que zombam desse direito, ostentam seus ensinamentos na vida cotidiana. O mundo trata os meninos ricos como se fossem dinheiro, para que se acostume a atuar como o dinheiro atua. O mundo trata os meninos pobres como se fossem lixo, para que se transformem em lixo. E os do meio, os que não são ricos nem pobres, conserva-os atados à mesa do televisor, para que aceitem, desde cedo, como destino, a vida prisioneira. Muita magia e muita sorte têm as crianças que conseguem ser crianças.

Comecei a questionar-me sobre qual profissão eu realmente exercia dentro da sala de aula, pois fui bombardeada por inúmeras situações que interferiram intimamente em minha prática cotidiana. Foram tantas interferências econômicas, sociais, políticas e as que o próprio sistema educacional nos impõem, que me encontrei reafirmando a citação acima através de meus atos em sala de aula. Fui perdendo minha identidade de educadora. Minha principal preocupação era me reafirmar constantemente como profissional, pois a dicotomia entre educar e cuidar, educação e assistencialismo, me atormentavam, não permitindo mais que eu me aproximasse de meus alunos afetivamente.

KRAMER (2003, p.61-62) afirma que “A área da educação é um campo minado de dicotomias”; os professores são colocados entre opções ilusórias e ainda “como se

precisassem e pudessem decidir entre dois pólos pretensamente opostos”. A mesma situação se repetia quando tentava me relacionar com a direção das escolas pelas quais passei, pois os direcionamentos educacionais, seguiam em direção opostas.

Como ainda me encontrava num nível de reflexão apropriada ao senso comum, minhas relações profissionais eram marcadas por conflitos internos e externos, por exemplo, em relação a qualificação do professor para à série que ele leciona, KRAMER (2003, p. 13) afirma:

Que os profissionais ganham não pelo nível que alcançam em sua escolaridade, mas pelo nível de escolaridade em que trabalha; assim, os que atuam com a criança pequena são ainda mais desvalorizados.

Ou seja, quanto menor a criança a se educar, tanto menor o salário e o prestígio profissional do professor.

Já pensava em mudar de profissão, pois atuando há dez anos em sala de aula me encontrava desanimada, sem perspectivas de mudança. Foi quando surgiu o curso do PROESF, em que eu me vi dando um passo para fora da sala de aula, conquistando minha liberdade, pois poderia vir a ter outra profissão.

3 - A MUDANÇA COM O PROESF

No primeiro momento em que pensei em voltar a estudar, o que me motivara a participar de uma universidade era a esperança em sair da sala de aula. Tratando-se de um curso promovido pela UNICAMP, ou seja, com qualidade, seu diploma me abriria novas portas. O que eu não imaginava, era como este curso iria transformar minha vida profissional e minha relação professor-aluno dentro da sala de aula. Pois, com o passar dos anos, atuando na área da educação, sentia-me descompromissada com minha prática em sala de aula e com a busca dos resultados positivos junto aos alunos.

Ao começar a participar das aulas, durante o meu primeiro semestre em 2003, encontrava-me desanimada, sem auto-estima profissional. Perdera a minha identidade da profissional, professora, em toda a sua plenitude de atuação.

Trazia comigo as angústias do enigma “educar ou cuidar dentro da educação infantil” e do qual seria meu verdadeiro papel dentro da sala de aula, professora ou babá? O desvendamento deste enigma só se elucidaria com o decorrer do curso. Atuando em sala de aula, eu me encontrava bastante resistente às interações afetivas diante de meus alunos. Nosso relacionamento se constituía em eu estar ali para ensinar, transmitir conteúdos e eles estarem ali para apreender. Negava-me a qualquer movimento ou princípio afetivo dentro de sala de aula, pois, no passado, já fora prejudicada por me relacionar afetivamente com a vida de meus alunos. A cada aula, durante o PROESF, fui construindo outros caminhos, tendo novas interpretações das situações vividas por mim, através dos relatos das minhas colegas de classe.

Todas as disciplinas foram de grande importância para meu desenvolvimento intelectual, suas teorias se interligaram, construindo entre si estrutura de associações que me ajudaram a reestruturar minha prática como professora.

Encontrei-me refletindo sobre minha profissionalização dentro da sala de aula, aceitando meus limites como profissional e buscando encontrar minha verdadeira identidade de educadora. Para NÓVOA (1992, p. 16), “A identidade é um espaço de construção da maneira de ser e de estar na profissão”.

Conclui que minhas experiências no campo educacional contruirá em mim dúvidas, sensações de insegurança, o não reconhecimento profissional e a falta de auto estima como educadora. Elucidei o início das minhas angústias quando compreendi que, a construção da identidade profissional do professor se efetiva a partir da relação que o

professor estabelece com sua profissão e o seu grupo de pares. Analisando minhas primeiras experiências ao assumir minha primeira sala de aula, percebi o quanto tudo foi traumatizante para a construção de minha identidade profissional.

PERRENOUD (1993, p. 27) declara que:

(...) Os professores, em sua maioria, são empregados subordinados a organizações onde aqueles que decidem, raras vezes, pertencem à ocupação. (...) O tempo de experiência requerido antes do exercício profissional é insignificante. A introdução do iniciante de forma brusca no ambiente de trabalho, delegando-lhe a responsabilidade pela direção de uma turma, assumindo tarefas idênticas ao de um professor mais experiente, faz parte da questão conhecida como “choque com a realidade”, (...) que, se o professor não contar com o apoio da equipe escolar, o início de sua carreira profissional será muito árduo, implicando em prejuízo para o processo de socialização profissional. Como os professores podem socializar “suas vivências em um *métier* que valoriza a porta fechada e o cada um por si?”

Hoje consigo assumir minhas inseguranças e falhas, tendo consciência de que elas não são só minhas, mas da elaboração de um sistema educacional mal estruturado, onde a formação profissional não encontra seguimento na prática cotidiana da sala de aula.

Acredito que a formação inicial do professor constitui um dos pontos fundamentais em seu processo de crescimento intelectual. Sendo assim, o estabelecimento de ensino, responsável pela preparação do aluno para o desenvolvimento de uma carreira profissional, tem uma participação importante na construção de sua identidade pessoal e profissional.

Ao assimilar este conteúdo encontrei-me resgatando minha identidade e minha auto-estima como profissional, aperfeiçoando-me para a construção e o fortalecimento de uma prática docente, não alienada ao meu contexto sócio-histórico, preparando-me a assimilar minha formação de professora pesquisadora, buscando assim a redefinição contínua de minha práxis. Pois LARSON (1989) baseado nas reflexões de FOUCAULT (1979) diz que:

Os profissionais se fortalecem, na medida em que o domínio de um conhecimento específico lhes confere autoridade de formulação do discurso sobre esse conhecimento.

Em busca do domínio de novos conhecimentos, compreendi que o fato de uma nova professora dar banho em uma criança, trocar suas roupas ou fazer um curativo não a desprofissionaliza, nem a remete ao papel de uma babá. É a trajetória da Educação Infantil que traz consigo historicamente uma orientação de cunho assistencialista e não educativo.

No sistema educacional a Educação Infantil destinou-se aos pobres como forma de apoio à família, para quando as mães necessitassem trabalhar, estando ainda subordinada aos órgãos de saúde pública ou de assistência social, atendendo os órfãos, crianças negras e crianças abandonadas, dava-se enfoque a higiene, a saúde, ao cuidado e a alimentação, as propostas de promoção social visavam a “infância abandonada” com medo de que aumentasse a criminalidade.

Com o passar dos séculos algumas coisas mudaram a esse respeito. a criança passou a ser vista como “pessoa” que necessita de atendimentos e cuidados específicos de acordo com sua idade, no entanto, a educação infantil continuou sendo percebida e tratada como assistencialista e ainda hoje os professores da Educação Infantil apresentam um trabalho voltado ao assistencialismo das famílias: aplicação de flúor, teste de assiduidade visual, campanhas anti-tabagismo, etc.

A Educação Infantil era compreendida como instituição de guarda para o filho da mãe trabalhadora. Isso caracterizava a Educação Infantil como provedora somente de cuidados, era um lugar em que as crianças ficavam apenas para serem cuidadas. Mas isso mudou. Com o curso do PROESF compreendi que cabe ao professor definir seu lugar e sua função atual dentro da Educação Infantil, abandonando o cunho assistencialista e evidenciando o processo educacional.

Uma das importantes questões nesse processo é a da formação do professor de Educação Infantil, considerando-o um profissional que deve ter formação ética e competência na especificidade de sua tarefa, levando em conta o atual momento sócio-histórico, que ocorre em um mundo complexo, contraditório, violento, individualista, consumista e em constante mudança. É importante que o professor tenha o domínio de conceitos e habilidades necessários para se ter uma atuação junto às crianças, atuação esta que seja promotora da aprendizagem e do desenvolvimento delas no sentido de lhes garantir o direito à infância.

Compreendi então que a identidade do educador, sua profissionalização e sua qualificação, está na busca incansável de novos conhecimentos para cada vez melhor concretizar seu trabalho educacional.

Desde as primeiras disciplinas constatei que este curso era estruturado para atender aos desafios dos professores em sala de aula, eu me encontrava diante de descobertas prestes a transformar o meu dia-a-dia na sala de aula como profissional.

As descobertas, as informações, as elucidações das minhas dúvidas eram constantes durante as aulas, os assuntos discutidos, os conteúdos apresentados vinham ao encontro do que eu necessitava, servindo como apoio as minhas mudanças de postura dentro da sala de aula.

Adotei uma nova postura de pensamento frente as atitudes das mães dos meus alunos. Antes do PROESF, eu me revoltava com o não comprometimento da mãe com a vida escolar de seus filhos, a falta de tempo e cuidados para com a criança; o fato de fazer da escola um lugar para deixar seu filho e ir trabalhar.

O curso proporcionou-me a chance de analisar esta situação de uma forma crítica e reflexiva, apontando as causas problemáticas em direção a sociedade capitalista. Pois a mulher / a mãe nos últimos anos se apropriou do mercado de trabalho e assumiu o papel principal na estrutura econômica de muitas famílias.

Neste contexto, ela enfrenta a competição em seu trabalho, a qual é cada vez maior, e o medo do desemprego, que atormenta a sociedade. Na maioria das vezes tais fatos não permitem que ela encontre tempo para participar das reuniões de seu filho na escola, ou presencie o crescimento e o desenvolvimento da criança, não tendo opções entrega a criança aos cuidados da escola, não dando tanta importância ao trabalho pedagógico, mas sim ao trabalho assistencialista que a escola apresenta.

Tanto as mães que trabalham fora de casa, seus filhos e eu, como professora, somos vítimas deste sistema que nos oprime e nos submete às suas regras sociais, nos tornando conformados com as situações e alienados frente aos nossos direitos.

Procuró agora, antes de criticar e de me revoltar, conhecer a realidade familiar de meus alunos e as possibilidades de transformação que podem ser feitas para um melhor contato de interação entre mãe, filho e escola.

Durante o curso pesquisei a concepção histórica do papel da mulher (mãe) e foi de fundamental importância as teorias estudadas, pois encontrei respostas as minhas inconformidades diante de determinadas situações como o descaso, os maus tratos, a falta de afeto e carinho por parte das mães para com seus filhos.

Segundo BADINTER (1981, p. 18),

(...) Como todos os sentimentos humanos, o amor materno pode ser incerto, frágil e imperfeito, o que equivale a dizer que o instinto da vida suplanta o instinto materno. Reconhece-se que o amor materno é flexível e talvez sujeito a eclipses, ele talvez não esteja profundamente inscrito na antureza da mulher.

Através deste esclarecimento pude então compreender as atitudes de algumas mães em relação a seus filhos, por exemplo, o abandono e que antes de julgar é preciso analisar cada caso na sua especificidade

Aprofundei-me em pesquisar a história da criança na sociedade para meu espanto descobri que a criança não tinha direito algum, a sociedade via mal a criança e pior, a criança não tinha infância, não havia separação entre o mundo infantil e o adulto.

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, quando a criança mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, partilhando de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude.

Segundo ARIÈS (1981, p. 20)

A passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade. A infância era apenas uma fase sem importância que não fazia sentido fixar na lembrança. A transmissão dos valores e dos conhecimentos e de modo mais geral a socialização da criança não eram portanto nem asseguradas e nem controladas pela família. A criança se afastava logo de seus pais, a educação era garantida pela aprendizagem, graças à convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las.

A sociedade nem sempre percebeu a infância da forma atual, a infância tal como a conhecemos, foi conquistada com muito esforço, atentando-se aos direitos das crianças. Mas nos dias atuais, há ainda muito a ser concretizado a favor delas, pois muitas vezes é necessário protegê-las de sua própria família.

Pesquisando alguns conteúdos sobre a criança cheguei a conclusão que o professor necessita de muito conhecimento sobre a afetividade dentro da sala de aula, para tentar amenizar a falta de afeto que algumas crianças apresentam. Durante minhas

pesquisas me senti muito mal, pois encontrava-me com a problemática da falta de afetividade dentro da minha sala de aula tanto de minha parte como da parte dos alunos.

Para WALLON (1978),

As emoções têm papel preponderante no desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades. A emoção causa impacto no outro e tende a se propagar no meio social, a afetividade é um dos principais elementos do desenvolvimento humano.

E tratando-se do trabalho com a criança, é necessário que o professor conheça a importância da afetividade no desenvolvimento infantil: como o toque, o carinho, a atenção, as relações de interação e mediação entre o professor e o aluno.

Embora a escola seja um local onde o compromisso maior que se estabelece é com o processo de transmissão/produção de conhecimento, pode-se afirmar que,

As relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente. (ALMEIDA, 1999, p. 107).

As relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objetivo de conhecimento, como também afetam a sua auto-imagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões.

A relação entre educadores e educandos é ao mesmo tempo afetiva e de progresso cultural – progresso na conquista da cultura – é afirmar que o elemento intelectual está apto a se unir aos elementos de sentimento. Dizer que esta relação escolar pode proporcionar alegria é garantir que o elemento intelectual contém como que um apelo à junção com os elementos de sentimento – quando ambos são vividos com bastante profundidade. Reciprocamente, o afetivo dá acesso ao intelectual (...). (SNYDERS, 1993, p. 91).

No entanto é importante destacar que a afetividade não se limita às manifestações de carinho físico, o professor ao adequar as tarefas às possibilidades dos alunos, ao fornecer meios para que realizem as atividades confiando em suas capacidades, ao demonstrar atenção às suas dificuldades e aos seus problemas, demonstra maneiras bastante refinadas de comunicação afetiva.

Entendo que as decisões sobre as condições de ensino, assumidas pelo professor, apresentam inúmeras situações com implicações afetivas para o aluno, como ao buscar não só o avanço cognitivo dos alunos, mas ao propiciar as condições afetivas que contribuam para o estabelecimento de vínculos positivos entre o aluno e o conteúdo escolar.

Durante o PROESF compreendi que o cuidar faz parte da atuação do professor em sala de aula e está interligado aos momentos de afeto, educar e cuidar, passou a adquirir sentido quando segui a perspectiva de tomar a criança como ponto de partida, para formulação da proposta pedagógica, exigindo compreender que os termos “cuidar” e educar” têm significados particulares na Educação Infantil: o primeiro tem sido associado as necessidades do corpo e segundo as possibilidades da mente; o primeiro está voltado a dar condições de sobrevivência às populações desprivilegiadas e o segundo, ao desenvolvimento intelectual dos filhos de grupos de maior prestígio social. O que a Educação Infantil busca fazer hoje é redefinir os dois termos, integrando-os em uma única meta: mediar o desenvolvimento sociocultural de nossas crianças desde o seu nascimento.

Um modelo pedagógico que planeje a especificidade educativa da instituição de Educação Infantil não reduz a ideia de cuidado a assistência e custódia. O professor educa e cuida quando acolhe a criança nas situações difíceis, quando a orienta nos momentos necessários e apresenta-lhe pontos que considera significativos do mundo da cultura, da natureza, das artes, das relações sociais, conforme a leva passar a passear, brincar, observar a natureza, ouvir e ler histórias, ouvir música, conforme a ajuda a comer a dormir, sentir-se limpa, confortável e segura.

Um trabalho pedagógico em que cuidar e educar são aspectos integrados é realizado pela criação de um ambiente em que a criança sinta-se segura e acolhida em sua maneira de ser, em que ela possa trabalhar adequadamente suas emoções, construir hipóteses sobre o mundo e elaborar sua identidade.

Isso requer que o professor aproprie-se criticamente de teorias sobre o desenvolvimento humano e examine o contexto concreto no qual as crianças vivem e as múltiplas formas como a cultura atua na promoção de seu desenvolvimento, tendo em vista

que a garantia dos direitos da criança está diretamente relacionada à garantia do cuidado e da educação. Dessa maneira o cuidar e o educar se apresentam de forma indissociável no processo de construção do conhecimento na Educação Infantil.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança e o acesso, pelas crianças ao conhecimento mais amplo da realidade social e cultura. (BRASIL, 1998, vol.1, p. 23).

Ao terminar o PROESF sinto-me preparada para reformular minha prática cotidiana em sala de aula, reconhecendo que o professor da Educação Infantil tem sua especificidade histórica, educacional e social.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao cursar o PROESF pude resgatar a auto-estima de minha profissão e minha identidade como educadora. Compreendi que a infância possui elementos constitutivos próprios, que precisam ser compreendidos em cada situação particular. Que cabe aos momentos de aprendizagem colocar em prática a afetividade, pois a infância é vista como uma fase de construção de conhecimentos e potencialidades emocionais, sociais, intelectuais, físicas, éticas e afetivas, entre outros.

Assimilei que o professor da Educação Infantil deve preparar-se para ser um pesquisador capaz de avaliar as muitas formas de aprendizagem que estimulam sua prática cotidiana, as interações por ele construídas com crianças e famílias em situações específicas. Ele é alguém cuja riqueza de experiências vividas, deve ser integrada ao conjunto de saberes que elabora sobre o seu fazer docente. Dele são exigidos investimento emocional, conhecimento técnico-pedagógico e compromisso com a promoção do desenvolvimento dos alunos. Ele precisa abrir-se a seus próprios modos de agir para enfrentar combinações que podem ser criativamente estabelecidas entre diferentes coisas, lidar com os próprios desejos e com a imaginação, compreendendo a maneira como a criança constrói significados sobre o que a cerca e sobre si mesma.

Como na relação com a criança, o professor repete suas próprias experiências infantis, em sua formação profissional, ele precisa reconhecer suas emoções, trabalhar certos sentimentos que lhe desperta a atuação profissional, analisar continuamente suas próprias frustrações e sua agressividade para poder estabelecer uma relação segura com a criança, co-construir com ela conhecimentos em clima carinhoso e ter uma compreensão mais autônoma de seu próprio trabalho, pois a qualidade do trabalho que poderá vir a ser encaminhado, estará sujeita a qualificação do educador que a ele se dedique, que inclua a sua leitura atenta temas sobre o seu espaço de atuação profissional, bem como o seu investimento no estudo e na busca de fundamentação teórica sobre a infância o cuidado, o ensino e a aprendizagem.

Compreendi que a escola não tem o intuito, nem o dever, nem o poder de resolver os problemas sociais, mas que o meu papel como educadora é de representar melhores condições de vida para meus alunos através da construção do conhecimento com qualidade. Que das poucas certezas que restam atualmente sobre o trabalho de educar, há um princípio que é incontestável, o de que a capacitação do educador nunca é adquirida

por completo, uma vez que ela jamais se esgota. Deve-se sempre estar atento e disposto aos temas que envolvem o ambiente educacional, disposto a considerá-los inúmeras vezes, já que temos em nossas mãos a tarefa de despertar o gosto do saber.

Por fim, é importante considerar que “para educar a criança por inteiro, o adulto precisa se mostrar e ser por inteiro” (Fala da AP Zenaide em sala de aula, na disciplina Educação da Criança de 0 a 6 anos, 4º semestre, PROESF, 2005), estar disposto a compreender e respeitar as dificuldades, as diferenças de cada aluno, pois a individualidade deve existir, sendo esta o alicerce da identidade e da personalidade da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção e o professor: um estado à luz da teoria de Henri Wallon.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 3, nº 2, Mai/Ago 1999, p. 100-249.

_____ e MAHONET, A.A. **Psicologia e Educação.** L.R. de (orgs) Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2000.

AMBROSIO, Ubiratan D. **Agressividade.** Revista Nova Escola. São Paulo, Março 2003.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981, p. 18-35.

AZEVEDO, Maria Amélia. **Violência infantil.** Revista Nova Escola. São Paulo: Março 2003.

BANDINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: O mito do amor materno.** 7ª Ed. Editora Nova Fronteira, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília, DF: MEC, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura, 1996 .

KRAMER, Sônia. **Infância, cultura contemporânea e educação contraa bárbarie.** Ano I, Jul/Dez 2000, p. 87-146. (texto trabalhado em sala de aula).

_____. **Uma pergunta várias respostas.** Revista Pátio Educação Infantil. Ano I. São Paulo: Editora Artmed, 2003.

_____. **O papel social da pré-escola.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1982.0

LEITE, Sergio Antônio da Silva, TASSONI, Elvira Cristina Martins. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor.** Campinas, 2002, p. 1 a 18. (texto trabalhado em sala de aula, NÓVOA)

LUCKESI, C.C. **Avaliação Educacional Escolar: para além do autoritarismo.** Tecnologia Educacional, nº 61, 2001. (texto trabalhado em sala de aula).

PINO, A. (mimeo). **A Afetividade e vida de relação.** Campinas, UNICAMP: FE, 2000.

SANTOS, Fernando Tadeu. **Educação por inteiro: Henri Wallon.** Revista Nova Escola. São Paulo: Março 2003, p. 30-32.

SOARES, Magda. **Memórias Travessia de uma educadora.** São Paulo: Editora Cortez, 2001.

SCHAFFEL, Sarita Lea. **A identidade profissional em questão.** 1999, p. 102-114. (texto trabalhado em sala de aula, PERRENOUD)

SILVA, M.L.F.S. **Análise das dimensões afetivas nas relações professor-aluno.** Campinas, UNICAMP: FE 2001. (Relatório técnico apresentado como exigência de conclusão de bolsa de pesquisa da FAEP).

SNYDERS, G. **Alunos Felizes.** São Paulo: Paz e Terra, 1993.

TASSONI, E.C.M. **Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula.** Dissertação de Mestrado. Campinas, UNICAMP: FE 2000.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1968.

_____. **As origens do caráter na criança.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.